Cohen, David. *Psychologists ou psychology*. Nova York, Taplinger, 1977. 360p.

Ocorreu uma boa idéia a David Cohen. Resolveu entrevistar grandes figuras que lidam com o campo psíquico. Todos do mundo ocidental. Escolheu americanos, ingleses, um francês, um austríaco e um polonês radicado fora de seu país. Ao todo 13, entre os quais podemos citar os de maior notoriedade: Chomsky, Eysenck, Festinger, Laing, Mc Clelland, Skinner. Assim agiu porque considera ter a psicologia passado a ser profissão muito importante. "Foi dito que os psicólogos e especialmente os psicoanalistas tornaram-se os padres de uma época sem Deus."

A primeira entrevista, a de Mc Clelland, é a mais longa, a mais causticante, talvez a mais brilhante. Comenta que os psicólogos têm necessidade de exercer o poder e que orientam sua vida com essa preocupação. Pouco ligam para o lado econômico. Gostam de discutir e detestam estar errados. A motivação do poder envolve desejo de sobressair, de destacar-se, a necessidade de produzir impacto e a de fazer sentir sua influência, e, eventualmente, controlar as pessoas. Diz que Freud tinha "complexo de Messias", gostava de ser encarado "como o Messias oferecendo uma nova Bíblia". O perigo dessa motivação de poder é transformar-se, como insinua certo pensamento superpessimista de Anne Roe sobre sua própria classe, em más relações, isto é, o psicólogo não saber estabelecer relações. Impiedoso com seus compatriotas, Mc Clelland diz que a escola do condutismo (behaviorismo) atrai o americano por ser muito simples, destituída de qualquer trabalho intelectual. Watson obteve a ressonância conhecida porque criou a pri-

meira escola com metodologia inteiramente americana. "Libertou a psicologia americana da tutela alemã." Considera a psicologia da aprendizagem aquela que é *por excelência* dos EUA; isto porque os americanos estão muito interessados em adaptação a ambiente estranho. "Tendo vindo da Europa, muitos ainda crianças, filhos de emigrantes, o que mais queriam saber era compreender o processo de ajustamento." Ao comentar a capacidade de fazer alguém desenvolver a motivação para realizar algo, é corrosivo para com os psicanalistas que, segundo diz, não sabem modificar as pessoas. Estudou muito o assunto inclusive o trabalho de Santo Inácio de Loyola. Então arremata ter chegado à conclusão de que "as células do partido comunista, os jesuítas e os mormons sabem mais sobre treinar e mudar as pessoas do que os psicanalistas"(p. 34).

Outro que muito impressiona é Michel Jouvet, neurofisiologista da Faculdade de Medicina da Universidade de Lyon. Tentou experiências para ver se é Pavlov ou Magoun quem está com a razão. Não decifrou o enigma e chegou à conclusão diferente dos dois. A quase-totalidade de sua entrevista é dedicada ao sonho. Contemos sumariamente certo experimento: um dos gatos cujo córtex removeu, demonstrou vários sinais contraditórios. Parecia rapidamente adormecido. Difícil de acordar. Nenhum sinal de tônus muscular. Mas o registro da atividade elétrica cerebral desse gato, aparentemente em sono profundo, mostrou o animal alerta, acordado, ativo. A este fenômeno Jouvet batizou com o nome de *sonho paradoxal*. Nele, o entrevistado diz haver dois mecanismos: um que excita endogenamente o cérebro; seria uma reprogramação do cérebro, embora o outro, o mecanismo genético, continue atuante. Jouvet tece ainda uma série de considerações, com a convicção de que a neurofisiologia será a chave fundamental da futura psicologia, porque "o cérebro, indubitavelmente, é a área da biologia onde há ainda muito a ser descoberto".

Leupold-Lowenthal, presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena, aquela que Freud fundou e da qual foi o primeiro presidente, faz uma advertência sobre as origens da psicanálise. Como tantos outros psicanalistas europeus, aponta deficiências e erros na suculenta biografia que Ernest Jones escreveu sobre Freud, levando o leitor a descaminhos a respeito das idéias do biografado. Diz: "Por exemplo, ninguém fica sabendo, através de Jones, que Paul Federn, que foi o presidente prestigiado por Freud, da Sociedade de Viena, era uma pessoa importante. Jones não gostava de Federn, eis a razão. Outra coisa, Jones era um *goy* inglês, isto para falar delicadamente, e assim não foi capaz de compreender Viena ou os judeus vienenses, o que é fundamental para entender Freud". Chama a atenção para o fato de Freud, em 1918, ao falar em um congresso, em Budapeste, insinuar a necessidade de encurtar a análise. "Dizia que poderia chegar o dia de o ouro da análise ser amalgamado com o cobre de sugestão para atender o tratamento das massas." Ao tocar na conhecida (e hipócrita, dizemos nós) atitude social em relação ao sexo, nos tempos de Freud, e, sobretudo, da rainha Vitória quando a pressão ambiental era manter a virgindade, ressalta, como hoje o tabu é ter relações sexuais com todos em um certo grupo e/ou, pelo menos, não evitar a

vida sexual. Sobre mudanças na teoria psicanalítica refere que muitos analistas não aceitam a teoria freudiana de instinto de morte; apenas "a maioria dos analistas tem o sentimento de que existe algo como um instinto agressivo".

Outros grandes psicólogos dizem coisas muito interessantes, mas não podemos transcrever, resenhar todos. Eysenck reafirma sua famosa crítica a psicoterapia, e em particular a psicanálise, formulada em 1952.

Skinner conta como foi decisiva em deixar sua aspiração a escritor, e passar à psicologia, a frase de um amigo: "Bem afinal, a ciência é a arte do século XX."

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA